

A ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA GLOBAL

THE RISE OF THE GLOBAL FAR RIGHT

EL ASCENSO DE LA EXTREMA DERECHA GLOBAL

Gustavo Ayres¹
Carlos Alberto Simioni²

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo abordar a ascensão da extrema direita global nas primeiras décadas do século XXI, em países tradicionalmente democráticos e em outros que apresentavam relativa estabilidade política, bem como a ameaça que o crescimento desse movimento representa para a manutenção da democracia no mundo. O conceito de extrema direita, a eleição de figuras como Donald Trump, nos Estados Unidos, em 2016, e Jair Bolsonaro, no Brasil, em 2018, além do Brexit no Reino Unido e das ações da extrema direita em outros países, tanto no governo quanto na vida política, serão analisados de forma crítica. Este trabalho foi desenvolvido por meio de revisão bibliográfica, com base em livros e artigos acadêmicos, e teve como objetivo geral compreender como a extrema direita voltou a ganhar relevância no cenário internacional, mesmo décadas após o fim da Segunda Guerra Mundial, os impactos do nazi-fascismo e a queda do comunismo. A chegada da extrema direita ao poder em grandes potências e em países de importância estratégica demonstra a relevância do tema e a necessidade de seu estudo, a fim de refletir sobre as razões que levam determinadas sociedades a optar por esse movimento e sobre os mecanismos que podem ser desenvolvidos para a defesa da democracia, evitando a repetição de episódios tão sombrios da história da humanidade.

Palavras-chave: extrema direita; democracia; ameaça.

Abstract

This study examines the rise of the global far right during the first decades of the 21st century in traditionally democratic countries, as well as in others that had enjoyed relative political stability, and the threat that the growth of this movement poses to the preservation of democracy worldwide. The concept of the far right, the election of figures such as Donald Trump in the United States in 2016 and Jair Bolsonaro in Brazil in 2018, as well as Brexit in the United Kingdom and the actions of far-right movements in other countries, both in government and in political life, are critically analyzed. This study was developed through a bibliographic review based on books and academic articles and had the general objective of understanding how the far-right regained prominence on the international stage, even decades after the end of World War II, the impacts of Nazi fascism, and the fall of communism. The rise of the far right to power in major powers and strategically important countries demonstrates the relevance of this topic and the need for its study in order to reflect on the reasons that lead certain societies to embrace this movement and on the mechanisms that can be developed to defend democracy, thereby preventing the recurrence of such dark episodes in human history.

Keywords: far right; democracy; threat.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo abordar el ascenso de la extrema derecha global durante las primeras décadas del siglo XXI, tanto en países tradicionalmente democráticos como en otros que presentaban una relativa estabilidad política, así como la amenaza que el crecimiento de este movimiento representa para la preservación de la democracia en el mundo. El concepto de extrema derecha, la elección de figuras como Donald Trump en Estados Unidos en 2016 y Jair Bolsonaro en Brasil en 2018, además del Brexit en el Reino Unido y las acciones de la extrema derecha en otros países, tanto en el gobierno como en la vida política, serán analizados de

¹ Aluno do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Bacharelado em Ciência Política. 2º semestre-2021.

² Professor Orientador no Centro Universitário Internacional UNINTER.

forma crítica. Este trabajo fue desarrollado mediante una revisión bibliográfica basada en libros y artículos académicos, y tuvo como objetivo general comprender cómo la extrema derecha volvió a adquirir relevancia en el escenario internacional, incluso décadas después del fin de la Segunda Guerra Mundial, de los impactos del nazi-fascismo y de la caída del comunismo. La llegada de la extrema derecha al poder en grandes potencias y en países de importancia estratégica demuestra la relevancia del tema y la necesidad de su estudio, con el fin de reflexionar sobre las razones que llevan a determinadas sociedades a optar por este movimiento y sobre los mecanismos que pueden desarrollarse para la defensa de la democracia, evitando la repetición de episodios tan sombríos en la historia de la humanidad.

Palabras clave: extrema derecha; democracia; amenaza.

1 Introdução

Este trabalho de pesquisa bibliográfica visa estudar o crescimento dos movimentos de extrema direita no mundo e os seus riscos aos regimes democráticos vigentes. Transcorridos décadas desde a queda do muro de Berlim, que marcou o fim da guerra fria, a democracia sofre seu maior ataque, curiosamente em locais que se pensavam estarem sólidas ou em processo de consolidação.

Na história a extrema direita é caracterizada por implantar regimes totalitários, militarizando o poder, fazendo a defesa de valores como o ultranacionalismo, o supremacismo branco, a família tradicional, segundo a visão cristã que propaga apenas a união entre um homem e uma mulher através do matrimônio e o anticomunismo visceral. Alguns desses valores também caracterizam os conservadores, defensores dos costumes tradicionais ligados à religião, mas que não podem ser confundidos com grupos extremistas, que tem o autoritarismo e a violência como base de seu projeto político.

Desde a queda da União Soviética e a inserção da democracia liberal em países que viviam a influência do comunismo, ou então sob ditaduras militares de direita apoiadas pelos Estados Unidos, que temia o efeito Cuba, o pensamento majoritário era que o ideal democrático iria prosperar, funcionando como uma vacina eficaz contra eventual extremismo no interior desses países.

O que espanta, todavia, é que “essa vacina” faltou ou foi ineficaz em países tradicionalmente democráticos, que enfrentaram os mais diversos problemas neste novo século, desde o terrorismo de grupos islâmicos, crises migratórias à recessão econômica com a queda no padrão de vida de sociedades, o que teria permitido a volta ao cenário político da extrema direita mais radical, que costuma sempre apontar os problemas e ter a receita.

É nesse contexto, portanto, que o trabalho pretende se desenvolver, buscando pesquisar, por meio de análise bibliográfica, como a extrema direita, em países como os

Estados Unidos, na Europa e no Brasil, vem crescendo e chegando ao poder e quais os reflexos e perigos para a manutenção da democracia.

O estudo pretende fazer uma revisão de movimentos da extrema direita no mundo, como ela renasceu neste século, analisar as eleições no mundo e no Brasil que elegeram líderes desse viés político e, por fim, se a democracia está em real risco e se podemos temer o seu fim como a conhecemos.

A justificativa deste trabalho, assim sendo, é a de compreender como após os horrores das duas guerras mundiais e do temor permanente que foi a guerra fria no século passado, países notoriamente democráticos e outros que viviam relativa estabilidade, passaram a ser assombrados pela extrema direita. Como os americanos, em pleno século XXI, elegeram uma pessoa tão despreparada (e perigosa) para o cargo mais poderoso do mundo é um tema que suscitará muitos debates pelo tempo.

Por ser um tema bastante atual, há material bibliográfico suficiente para o decorrer da pesquisa, e foi feita uma seleção de obras e artigos que servirão de suporte para essa revisão bibliográfica. Milhões de pessoas viveram, sofreram e morreram em países que a extrema direita governou, por isso a importância deste trabalho, a fim de refletir esse surpreendente crescimento e o que podemos fazer para defender não apenas a democracia, mas o próprio conceito de humanidade.

2 A ascensão da extrema direita

2.1 Origens da extrema direita

A extrema direita segundo a história possui algumas características básicas quando está no poder, advindas do fascismo, como: ser um regime político de partido único, permitir somente uma ideologia oficial, um estado violentamente repressor, forte propaganda e culto ao líder e ser altamente anticomunista. Nesse ponto, inclusive, não se diferencia muito da extrema-esquerda, como no caso da Coreia do Norte, com diferenças ideológicas apenas, mas ambas usam a ultraviolência como método político. Por fim, não se deve confundir esses extremos com os conceitos de esquerda e direita, que possuem suas diferenças, porém, seguem as regras democráticas.

Na sociedade o pensamento da extrema direita propaga o nacionalismo, a intolerância religiosa, de gênero, raça e orientação sexual, em que há a clara defesa do grupo étnico tido como padrão e os que não se encaixam devem viver marginalizados.

A extrema direita, marcadamente associada às trágicas experiências do nazifascismo, continua apresentando muitos traços originais do contexto de sua emergência: irracionalismo, nacionalismo, defesa de valores e instituições tradicionais, intolerância à diversidade — cultural, étnica, sexual — anticomunismo, machismo, violência em nome da defesa de uma comunidade/raça considerada superior. Compartilhando do ideário político vinculado aos interesses de dominação, opressão e apropriação privada da riqueza social, distancia-se da direita tradicional pela intolerância e pela violência de suas ações, embora, quando organizada em partidos ou associações públicas, recuse tais práticas por parte de seus membros (Silva *et al.*, 2014, p. 413-414).

A crise que eclodiu na Europa pós primeira guerra mundial cimentou o caminho para a ascensão da extrema direita, que encontrou na Itália, com a chegada de Mussolini ao poder, seu ponto inicial para o que viria em seguida de forma hedionda na Alemanha com Hitler. Insatisfeitos com os resultados da guerra e com o sofrimento causado pela pobreza e humilhação, os italianos primeiro e depois os alemães, confiaram em figuras que apresentavam discursos messiânicos e apontando responsáveis pela situação, o que revela que momentos de crises são férteis para o nascimento de ideais extremistas.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a vitória dos Aliados sobre o nazifascismo parecia significar o sepultamento definitivo dos valores que sustentavam essa ideologia. No entanto, aqueles que acreditavam que a memória desses horrores e a democracia constituiriam uma espécie de rocha capaz de resistir a todo tipo de onda revolta estão revendo essa suposta proteção.

O novo século começou esperançoso para a humanidade, mas logo esse sentimento se apagou com os ataques às torres gêmeas em Nova York em 2001, as guerras no Afeganistão, Iraque e Síria, provocando a maior crise migratória e de refugiados em décadas e a recessão de 2008, relembrando o crash de 1929. Esses eventos marcariam o renascimento de uma outra extrema direita, com ideais atualizados ao mundo em globalização, mas com uma roupagem ainda que a caracterizava, como o autoritarismo, o racismo e a xenofobia. Essa extrema direita passou a encontrar apoio popular e respaldo eleitoral, trazendo consternação e pânico aos democratas.

2.2 A extrema direita vence eleições

Quando o resultado das eleições americanas de 2016 foi divulgado, com a vitória do bilionário e desqualificado Donald Trump, o mundo achou difícil de acreditar que aquilo estava acontecendo na maior potência mundial e modelo de democracia. “Dormi em 2016 e acordei em 1933”, disseram alguns, de forma exagerada, nas redes sociais, em uma clara referência ao ano da chegada de Hitler ao cargo de chanceler da Alemanha.

Trump sucederia a Barack Obama, o primeiro afro-americano a ser eleito presidente e, em uma reviravolta, os americanos escolheram logo depois alguém que centrou sua campanha eleitoral em um nacionalismo ultrapassado, teve apoio aberto de grupos supremacistas, não se envergonhava de proclamar frases machistas e destratar mulheres. A Casa Branca seria ocupada por um populista de extrema direita, com acesso ao poder nuclear. Como se chegou a isso?

Especialistas se apressaram em encontrar respostas para o quê não conseguiam acreditar. Trump venceu porque os brancos ressentidos e ignorantes votaram nele, concluíram alguns. A vitória de Trump se deve ao discurso antiglobalização e carregado de xenofobia que capitalizou milhões que creditaram a situação de penúria social aos imigrantes que “roubavam seus empregos”, resumiram outros.

Em que pese a superficialidade inicial dos argumentos, elas encontraram eco quando se aprofundou nas causas da vitória de Trump.

De fato, as pesquisas mostram uma correlação direta entre atitudes racistas e o voto em Trump. Contudo, embora os racistas tenham votado em Trump, a maioria dos que votaram nele não é de racistas. São pessoas atemorizadas pela rápida mudança econômica, tecnológica, étnica e cultural do país. Por isso os velhos brancos apoiaram Trump, para tentar preservar seu mundo, um mundo que em certos momentos viam desaparecer. E a imigração era o sinal mais visível que seus vizinhos já não eram o que eram. Mas além disso, a classe social definiu o voto entre os brancos. Quanto mais instruídos e de maior nível econômico, mais votaram em Hilary, ao passo que Trump fez sucesso no voto dos operários brancos, dos pobres do campo e as regiões em crise. Ou seja, dos que alguns analistas chamaram de “o lixo branco”, rememorando o epíteto pejorativo frequentemente utilizado para os brancos pobres ao longo da história. Foi um grito de sobrevivência em função de seu único ponto de apoio: serem cidadãos americanos e brancos. Confortados por sua bíblia, sua nação e seu fuzil. Assim esperavam deter a invasão dos estrangeiros e reivindicar seus empregos ante a ganância de multinacionais e banqueiros (Castells, 2018, p. 47-48).

Apesar da eleição de Trump ser o exemplo mais espantoso, outros fatos e eventos eleitorais também ganharam destaque, mostrando o crescimento da extrema direita no planeta. O Brexit, a saída do Reino Unido da União Europeia, após um referendo com votação apertada, causou um alvoroço que transcendeu a análise política, partindo para consequências econômicas, culturais e sobre o futuro do bloco europeu.

Um dos elementos que esteve presente na vitória de Trump foi decisivo para o êxito do Brexit: a crescente xenofobia britânica contra imigrantes que estariam “tomando seus empregos, invadindo seus espaços, trazendo suas culturas e hábitos”. O curioso, nesse caso, é que essa aversão não era apenas contra imigrantes da África ou Oriente Médio, mas também contra os oriundos do leste europeu, facilitados pelas regras de aberturas de fronteiras aos cidadãos da União Europeia.

Saindo da ilha britânica e partindo para o continente, dois países que mais sofreram no século passado com o horror nazista e o jugo soviético hoje são experiências claramente autoritárias de governos da extrema direita. A Hungria e a Polônia têm mandatários que se aproveitaram das eleições vencidas para modificar por dentro a estrutura do estado, violando a independência do judiciário e de outros órgãos, nomeando partidários seus, atacando a imprensa e minorias como homossexuais e imigrantes, notadamente os de origem islâmica, fazendo com que o próprio bloco europeu condenasse os governos desses dois países por políticas antidemocráticas.

A semelhança em todos esses casos mostra que a extrema direita se aproveita da insatisfação de grupos para se apresentar como a via para um retorno ao *status quo*, em que não havia insegurança em vários aspectos e que deveriam resgatar uma identidade que afirma ter sido roubada. A globalização trouxe vantagens, mas aprofundou desigualdades, não só entre países, mas nações desenvolvidas passaram a conviver com alto desemprego, aumento da pobreza, choques culturais trazendo tensão e o terrorismo de cunho religioso. Com os estados em dificuldade para enfrentar tudo isso, a raiva e indignação contra as elites políticas e os partidos tradicionais só aumenta.

De um país a outro, a história é diferente, mas atrás do sucesso da extrema direita encontramos sempre os mesmos ingredientes: o medo, a insegurança, real ou imaginária, ligada ao terrorismo, à globalização, às incertezas econômicas, à perda de identidade e ao fluxo migratório. Há décadas a imigração é uma preocupação central do eleitorado europeu, sem que os partidos tradicionais tenham encontrado respostas adequadas nem aos menos satisfatórias (Blay, 2019, p. 27)

Em outros países a extrema direita até assustou, mas pelo menos não chegou ao poder, como na França, em que a ultradireitista Marine Le Pen foi ao segundo turno das eleições presidenciais, mas perdeu para o novato Emmanuel Macron. Outros casos, como os neonazistas do Alternativa para a Alemanha, e do Aurora Dourada na Grécia, disputam eleições e conseguem algumas cadeiras no parlamento, mesmo sendo um número pequeno esse retorno ao palco político já traz aflições.

Esse fenômeno não ficou restrito apenas aos países do hemisfério norte. A extrema direita sempre foi secundária em países periféricos, mas em 2018 chegou ao poder no maior país da América Latina. Jair Messias Bolsonaro foi eleito com expressiva votação, o que chocou muitos analistas que um ano antes jamais acreditavam nessa possibilidade e até zombavam.

Jair Bolsonaro sempre foi um político de carreira, do chamado baixo-clero, tinha sua base eleitoral entre os militares já que é capitão reformado. Suas posições questionáveis, como a defesa da ditadura militar que perdurou no país e dos crimes cometidos por seus

agentes, sempre foram vistas como excêntricas e de alguém inexpressivo. Entretanto, a crise econômica e política que o Brasil passou a enfrentar, o controverso impeachment da Presidente Dilma e casos de corrupção envolvendo todos os partidos, abriu caminho para sua pretensão presidencial.

Os brasileiros não conviviam com problemas de imigração ou de atentados terroristas, como nos EUA e Europa, por que então escolheram um candidato de extrema direita? As peculiaridades brasileiras, como desemprego, violência e desalento com a classe política fez parcela de os eleitores acreditarem “em um salvador da pátria”, que poderia trazer ordem tão desejada.

Na campanha Bolsonaro, em que sofreu um atentado, não respondeu como enfrentaria os macroproblemas do país, optando por defender temas populistas, como o livre acesso as armas, contra as propostas de casamento gay e de aborto, agradando o segmento evangélico, atacando uma suposta “ideologia de gênero” ensinada nas escolas e que iria “dar um fim ao socialismo vigente no país”. A extrema direita, desse modo, encontrou outros elementos de acordo com a realidade local para se caracterizar e conquistar o eleitorado e assim conseguiu, quebrando a polarização existente entre PT e PSDB.

A ascensão de candidatos como Bolsonaro – defendendo um programa de direita radical – não surpreende em termos internacionais. Ele se aproveita da conjuntura que levou Trump ao poder, nos Estados Unidos; que facilitou a aprovação do Brexit na Inglaterra, da emergência dos nacionalismos Europeus (França, Polônia, Eslováquia, Hungria e República Tcheca) para lembrar alguns exemplos. Nem mesmo é novidade em termos nacionais. Bolsonaro, em muitos aspectos, integra uma linhagem de lideranças personalistas de direita com um passado de muitas décadas no Brasil. Esse passado é valioso para entender como ele se beneficiou de um conjunto de valores, crenças, linguagens e símbolos, que são conhecidos da população e constituem uma tradição da política de direita no país. No entanto, é importante perceber de que forma Bolsonaro altera tal tradição. Ele o faz, a meu ver, quando articula um discurso de cólera, cuja retórica se destina a mobilizar apoios a ações violentas a serem realizadas por seu governo e por integrantes de sua base política, autorizadas a se armar para combater aqueles identificados como inimigos do governo/pátria. Dessa forma, ele dá um sinal positivo, no mundo público, a comportamentos e sentimentos que, existindo no mundo privado, não eram apresentados como modelo a ser tomado pelos cidadãos (Abranches *et al.*, 2019, p. 182-183).

Todos esses fatos mostram a musculatura eleitoral que a nova extrema direita adquiriu. Emergindo alguns sentimentos que fizeram parte de sua trajetória histórica e reciclando e renovando outros, a fim de se adaptar a era da globalização e das redes sociais, a extrema direita ocupa governos de países pela via democrática, sem recorrer a golpes e revoluções, apesar de alguns meios ilícitos como a disseminação das *fake news*. Chegando ao estágio de ser governo e lidar com problemas da população e sociedades acostumadas às regras democráticas e que não tem a intenção de abdicar delas, a extrema direita passou a utilizar um artifício antigo, mas

eficaz para o projeto de manutenção no poder: o ataque as instituições democráticas. É a partir desse ponto que as democracias passam a viver sob ameaça.

2.3 A extrema direita ameaça à democracia?

Será que a democracia na forma como a conhecemos, a liberal-representativa, está sob séria ameaça de ruir, de estar vivendo seus últimos dias com a ascensão da extrema direita nesta segunda década do século XXI? Os fatos históricos demonstram que impérios, reinos e governos entram em colapso em momentos de grave crise, de convulsão social que os alicerces existentes não conseguem suportar. Será que é o que estamos passando hoje? E o que podemos definir como democracia hoje que estaria sob ameaça? Nesse sentido:

A democracia moderna, é o regime que, em essência, garante que os governantes sejam eleitos e removidos pacificamente em eleições livres e periódicas, em que praticamente todos os adultos têm o direito de votar e serem votados, e que assegura o direito à liberdade de expressão, acesso a fontes de informação alternativas e de se juntar a associações autônomas tais como partidos e grupos de interesse (Singer; Araújo; Belinelli, 2021, p. 225).

Em sua passagem de apenas um mandato como Presidente dos EUA, Donald Trump se tornou a principal figura a representar esse movimento e deixar o mundo perplexo. Com um estilo belicoso, hostil e grosseiro, Trump desafiou os pilares da democracia americana, atacando a independência de juízes, a livre imprensa, inaugurando uma nova maneira de se comunicar por meio do Twitter, sem ficar exposto as críticas, classificando alguns alvos preferenciais como os imigrantes e muçulmanos rotulando-os de inimigos da América. Abandonando a cooperação e diálogo com aliados europeus, questionando o consenso científico sobre o aquecimento global, tanto que saiu do Acordo de Paris, para favorecer a indústria dos combustíveis fósseis, Trump se tornou o ícone da extrema direita.

Seu governo marcou um recrudescimento do racismo, do antissemitismo e de outros atos de intolerância com o auge na famigerada passeata de Charlostteville, em 2017, reunindo racistas e nazistas, e Trump fez uma condenação leve ao ato assombroso, afirmando que “há boas pessoas dos dois lados”, se referindo também aos que se opuseram à manifestação, igualando-os a racistas e nazistas declarados.

A presidência de Trump durou um mandato e, após ser derrotado pelo democrata Joe Biden, o então presidente adotou uma postura recorrente entre adeptos da extrema direita: alegou, sem apresentar provas, que teria havido fraude nas eleições. Essa narrativa mobilizou parte de seu eleitorado, que, em janeiro de 2021, invadiu a sede do Congresso dos Estados

Unidos na tentativa de impedir a confirmação do resultado eleitoral e, consequentemente, da vitória de Biden. Um episódio dessa natureza poderia, no imaginário político, ser associado a países latino-americanos, mas dificilmente à poderosa e, até então considerada, inviolável democracia norte-americana.

Alguns analistas e cientistas políticos afirmam que um sistema constitucional robusto, instituições fortes e cidadãos livres e engajados na defesa da democracia, seriam um eficiente antídoto à escalada da extrema direita e a tentações autoritárias de seus líderes. Mas o eventual colapso democrático não está ocorrendo por meio dos mecanismos tradicionais e históricos que derrubaram regimes e instauraram ditaduras, mas pela via eleitoral, ou seja, com respaldo popular, por meio de governos legítimos que passaram a sabotar a própria democracia “por dentro”, de forma paulatina. Dessa forma, destacam Levitsky e Ziblait, sobre como a democracia pode ruir através de seus próprios meios:

Como autoritários eleitos destroem as instituições democráticas cujo dever é restringi-los? Alguns o fazem com uma cajadada só. Com maior frequência, porém, a investida contra a democracia começa lentamente. Para muitos cidadãos, ela pode, de início, ser imperceptível. Afinal, eleições continuam a ser realizadas. Políticos de oposição ainda têm seus assentos no Congresso. Jornais independentes ainda circulam. A erosão da democracia acontece de maneira gradativa, muitas vezes em pequeníssimos passos. Tomado individualmente, cada passo parece insignificante – nenhum deles aparenta de fato ameaçar a democracia. Com efeito, as iniciativas governamentais para subverter a democracia costumam ter um verniz de legalidade. Elas são aprovadas pelo parlamento ou julgadas constitucionais por supremas cortes. Muitas são adotadas a pretexto de diligenciar algum objetivo público legítimo – e mesmo elogiável –, como combater a corrupção, “limpar” as eleições, aperfeiçoar a qualidade da democracia ou aumentar a segurança nacional (Levitsky; Ziblait, 2018, p. 80-81).

Ao tomar posse em janeiro de 2019, Jair Bolsonaro seguiu o roteiro de Trump e outras figuras mundiais da extrema direita. Nomeou para cargos estratégicos pessoas com forte vinculação ideológica, diminuiu a autonomia de agentes e órgãos fiscalizadores, notadamente os ambientais, se comunica por meio do Twitter ou por “lives”, defende enfaticamente pauta de costumes para agradar seus seguidores, ofende a imprensa e trata a oposição como inimigos e, mais recentemente, passou a atacar a independência do Judiciário e Legislativo, falando abertamente em “ruptura”, ameaçando as eleições do ano que vem, em que há claras chances de ser derrotado.

O resultado é que a sociedade brasileira hoje vive uma polarização exacerbada e a palavra golpe voltou ao cotidiano das pessoas, muitas defendendo um governo autoritário para defender “a democracia do perigo comunista”, mesmo com a guerra fria ter se encerrado há décadas.

Bolsonaro e Trump são uma nova modalidade de lideranças que o cientista político Sérgio Abranches chamou de “governantes incidentais”.

Lideranças ou governantes incidentais são aqueles que jamais chegariam ao poder em circunstâncias normais e eleições-padrão. Saem da periferia ou fora da política para o centro do poder. Conquistam o governo em função de um conjunto imprevisto e irreprodutível de fatores. Passam, mas não sem causar danos significativos na institucionalidade democrática, na sociabilidade e na qualidade da governança. O pior legado desses governos casuais é que contribuem para agravar o desencanto com a democracia, pioram a governança e elevam riscos de crises mais sérias de governabilidade nos períodos subsequentes. Eles surgem das reações de um eleitor perdido, volúvel, assustado e descontente com as mudanças estruturais que se manifestam como crises, antes de gerarem novos caminhos para a economia e sociedade. Eleitores dispostos a apostas extremas, na esperança de que sejam capazes de romper a fase de incerteza e inseguranças. Uma reação muitas vezes ao desgaste ou à desatualização de lideranças dos partidos democráticos entre a direita e a esquerda (Abranches, 2020, p. 160-161).

Se figuras medíocres como Bolsonaro e Trump ascenderam ao poder em cima de uma plataforma que negou o aquecimento global, desprezou a ciência, colocou crenças acima do conhecimento, algo compreendido como anti-iluminista, impuseram uma linguagem do ódio e dividindo a sociedade entre “nós” e “eles”, demonstra que a democracia vem sendo utilizada como meio para o seu possível fim. O sinal de alerta sobre esse risco real à democracia está bem aceso e se ele não for percebido o quanto antes, poderá ser tarde demais, como aconteceu na Europa da década de 1930.

A lição da Alemanha de Weimar é que a democracia não se salva por conta própria. No fim das contas, foram suas credenciais democráticas que a deixaram indefesa contra uma investida hostil. Na verdade, o necessário para salvar a democracia de si mesma é a presença de cidadãos ativos (Runciman, 2018, p. 106).

Essa onda populista de extrema direita encontra guarida em um mundo globalizado que não conseguiu levar benefícios a todos, com uma economia de predominância neoliberal que facilitou as desregulamentações, precarizou os empregos, diminuiu a rede social que protegia os vulneráveis. O resultado foi que as pessoas passaram a se sentir abandonadas e criaram um sentimento “de grupo”, identificadas com a situação precária que vivem, se tornando a base da extrema direita, desiludidos como o atual modelo de democracia-representativa.

A crise da democracia, associada à expansão da extrema direita, já se encontra materializada e não surgiu a partir de um evento cataclísmico, mas de pequenos sinais que, gradualmente, foram se ampliando nas sociedades democráticas. O desalento em relação aos partidos tradicionais, a desconfiança nas instituições políticas, o enfraquecimento das estruturas do Estado de bem-estar social e as crescentes tensões em torno de temas como imigração e racismo constituem um conjunto de fatores que vem abrindo espaço para o avanço da extrema direita e contribuindo para a deterioração da democracia.

Przeworski usa o termo sub-repção ao afirmar que a democracia vai sendo minada aos poucos sob olhares passivos e complacentes (2020, p. 206).

É o que queremos dizer com sub-repção: “O uso de mecanismos legais existentes em regimes com credenciais democráticas favoráveis para fins antidemocráticos”. Contudo, quando o governo dá passos que não são flagrantemente inconstitucionais ou antidemocrático, os cidadãos que se beneficiam de suas políticas, mas ainda dão valor à democracia não sabem bem como reagir. Algumas medidas que governos reacionários adotam não precisam nem mesmo de atos legais, apenas de mudanças de procedimento (Przeworski, 2020, p. 206).

E como enfrentar e resistir a essa escalada do autoritarismo de direita mundial? Sobre isso, Löwy:

Não há nenhuma receita mágica para combater a extrema direita. Devemos nos inspirar – com uma distância crítica apropriada – nas tradições antifascistas do passado, mas também devemos saber como inovar, a fim de responder às novas formas desse fenômeno (Löwy, 2015, p. 661).

O futuro da democracia depende das ações que tomarmos hoje diante da normalização do espectro autoritário, que, vagarosamente, vem se incorporando às sociedades democráticas, protagonizado não por generais usurpadores, mas por figuras legitimamente eleitas. As salvaguardas constitucionais foram criadas para impedir que o poder seja exercido de forma abusiva pelos governantes de ocasião e, embora nem sempre tenham sido suficientes, como demonstra a história, essa experiência serve de lição para que tais mecanismos de proteção sejam continuamente reforçados. Afinal, não há alternativa à democracia senão a própria democracia como projeto civilizatório.

3 Considerações finais

A memória dos horrores da segunda-guerra mundial, a tensão vivida durante a guerra fria, as ditaduras militares que causaram dor e sofrimento na América Latina, todos esses eventos ocorridos no século passado se imaginaram que seriam uma espécie de imunizante contra qualquer retorno de extremismos políticos em um século que se iniciou esperançoso para a humanidade. Mas, por que, então, estamos vendo a democracia “na lona”, sendo quase nocauteada por uma extrema direita que avança no mundo?

Verificou-se que a extrema direita consegue ressurgir, sobretudo, em momentos de crise, incerteza e descontentamento generalizado, sendo atualmente favorecida pelas redes sociais e pela disseminação de fake news. Nesse contexto, representantes populistas desse movimento chegaram ao poder pela via eleitoral e, uma vez no governo, passaram a

consolidar suas ideias no interior de estruturas que, até então, eram consideradas suficientemente sólidas para resistir a esse tipo de abalo.

Em países com democracias consolidadas e economias pujantes, a questão da imigração tem ocupado lugar de destaque na plataforma política da extrema direita, que frequentemente atribui aos imigrantes a responsabilidade pela redução dos postos de trabalho, em um contexto de globalização marcado pelo aprofundamento das desigualdades. Nesse cenário, não se pode deixar de mencionar uma das principais figuras da extrema direita global, Donald Trump, que conseguiu canalizar o descontentamento de parcelas expressivas do eleitorado norte-americano, especialmente entre eleitores brancos sem formação universitária, por meio de um discurso nacionalista no qual a imigração também ocupou posição relevante. Ao longo de seu primeiro mandato, suas ações e sua retórica colocaram à prova os limites das instituições democráticas norte-americanas.

No Brasil, Jair Bolsonaro representou uma expressão desse movimento, tendo sido eleito presidente em 2018. Diferentemente de outros países, nos quais a extrema direita se fortaleceu a partir de discursos anti-imigração, no caso brasileiro, fatores como a recessão econômica, os casos de corrupção envolvendo políticos e partidos tradicionais e a ascensão de pautas conservadoras relacionadas aos costumes contribuíram para criar um ambiente favorável à vitória de Bolsonaro. Estudos sobre as eleições de 2018 apontam, ainda, a importância do antipetismo, das posições conservadoras em questões sociais e culturais, da defesa de políticas mais rígidas de segurança pública e de determinadas concepções econômicas na constituição de seu eleitorado. A esse conjunto de fatores somou-se a retórica anticomunista, mobilizada no debate político como elemento de oposição às forças de esquerda.

O trabalho adotou o método de revisão bibliográfica sobre a ascensão da extrema direita no mundo e constatou que, à medida que a desigualdade social aumenta, a sociedade tende a se polarizar e questões relacionadas à imigração, à xenofobia e à intolerância se acentuam no interior dos países. Esses fatores, em conjunto, criam um cenário favorável ao crescimento da extrema direita, como vem ocorrendo em diferentes partes do mundo.

Neste panorama, a democracia corre sério risco de desmoronar ou de se tornar apenas uma estrutura de fachada. Por essa razão, a preocupação é legítima e deve mobilizar todas as vertentes político-ideológicas comprometidas com o ideal democrático, superando eventuais sectarismos existentes entre elas. É nesse sentido que esta pesquisa buscou chamar a atenção para a escalada da extrema direita em âmbito mundial e reforçar a importância da defesa da democracia, bem como dos mecanismos de proteção contra-ataques às instituições e aos princípios que sustentam os pilares da civilização moderna. É necessário agir desde já para evitar que os aspectos mais

extremos desse movimento deixem de constituir registros históricos e voltem a ocupar, por longos períodos, as ruas e os governos.

Referências

ABRANCHES, S. **O tempo dos governantes incidentais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ABRANCHES, S. *et al.* **Democracia em risco?** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BLAY, M. **A Europa Hipnotizada**: a escalada da extrema direita. São Paulo: Contexto, 2019.

CASTELLS, M. **Ruptura**: a crise da democracia liberal. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LÖWY, M. Conservadorismo e extrema direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 124, p. 652-664, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.044>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/MFzdwXKBBcNqHyKkckfW6Qn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 jul. 2021.

PRZEWORSKI, A. **Crises da democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RUNCIMAN, D. **Como a democracia chega ao fim**. São Paulo: Todavia, 2018.

SILVA, A. B. *et al.* A extrema direita na atualidade. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 119, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-66282014000300002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/nTk6JtjrXGqcpGVcr8Rj4Wx/?lang=pt>. Acesso em: 02 dez. 2021.

SINGER, A.; ARAÚJO, C.; BELINELLI, L. **Estado e Democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Data de submissão: 15/12/2021

Data de aceite: 22/07/2026